

BETAR & SA CULTURA

Óscars

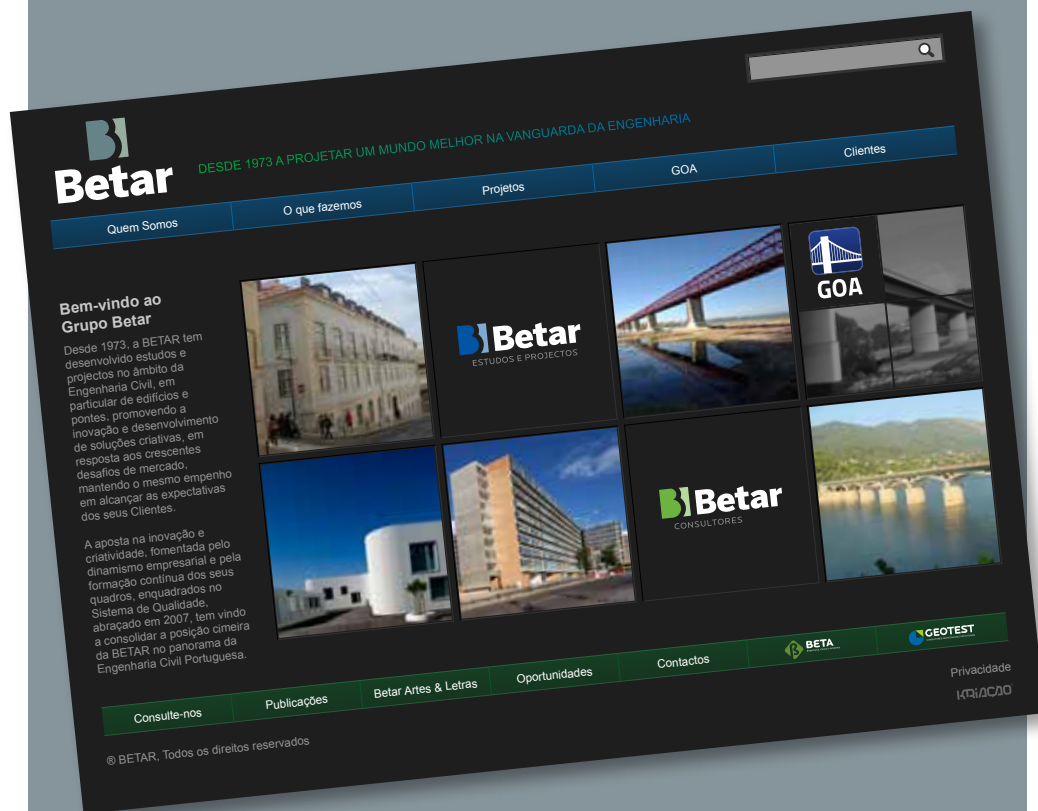
No mês dos maiores prêmios do cinema, porque não ir ver os nomeados como 'A Golpada Americana' e escolher os nossos favoritos

B
Betar

ENTREVISTA
ARQ. MIGUEL
ARRUDA

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Em Fevereiro, as propostas musicais não são muito vastas. Ainda assim, sugerimos concertos de jazz, folk, fado e um festival de música electrónica e rock.

Depois de divulgados os nomeados para os Óscares e, enquanto não conhecemos os vencedores, resta-nos ir ao cinema perceber o porquê de “Golpada Americana” e “O Lobo de Wall Street” terem sido seleccionados e aguardar na expectativa até ao dia da entrega das estatuetas.

No teatro, mesmo com os cortes orçamentais no âmbito da cultura, os teatros nacionais fazem um esforço para manter a qualidade das suas produções. No Teatro Aberto Marta Dias encena Vénus de Vison; no D. Maria II recupera-se o conceito de revista, em “Tropa-Fandanga”; no Teatro Maria Matos assistimos ao regresso de Edit Kaldor, voz singular do teatro contemporâneo; e na Cornucópia Luis Miguel Cintra reúne um elenco de voluntários para criar a peça “Ilusão”.

E porque a arte incita à criatividade, a mostra “Getting Through”, no Espaço Shed76, apresenta peças de 15 artistas, designers e arquitetos cujo ponto de partida foram objetos seleccionados por pessoas ligadas a outras artes. São objetos do quotidiano, vistos noutra perspetiva. Criatividade também não falta a Zé Dalmeida que faz um retrato humorístico dos poetas portugueses do século XX, no Museu Bordalo Pinheiro.

Por fim, muito poderia aqui dizer sobre o arquiteto Miguel Arruda, mas deixamos isso para as páginas da entrevista que gentilmente nos concedeu.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Nós temos a percepção visual como dado adquirido, enquanto que o sentido táctil não está tão presente, e é algo que se descobre na escultura.’

O percurso do arq. **Miguel Arruda**.
Por Cátia Teixeira



Ponte Malvarosa, Alverca



Praça D. Diogo Menezes, Cascais

O arq Miguel Arruda fez primeiro o curso de Escultura (1968) e só bastante mais tarde é que fez o de Arquitetura (1989). Porquê?

Eu sempre quis ser arquiteto mas chumbei em matemática e física, no 7º ano do liceu e, para não perder tempo, fiz o exame de admissão à então Escola de Belas Artes, onde existiam os cursos de Pintura, Escultura e Arquitectura. Para a área de Escultura e Pintura, como só era necessário o 5º ano do Liceu, entrei para Escultura, pois foi a área que me pareceu mais próxima da Arquitectura. Depois, fui calmamente chumbando mais vezes a matemática e a física, e quando passei já estava no 3º ano de Escultura e agradavelmente surpreendido. Nunca tinha pensado fazer escultura. Desenhava... Aos 17 anos, participei na 2ª Exposição de Artes Plásticas da Fundação Gulbenkian, onde aceitaram um dos meus desenhos, pediram-me para o emoldurar e atribuír-lhe um preço, e quando cheguei à exposição já tinha sido comprado. Uns 40 anos mais tarde, a pessoa que o comprou, o Eng. Torres, fundador da Gravura, muito simpaticamente, trocou aquele desenho por outros, porque eu gostava



de ficar com ele. Com a Escultura, descobri algumas coisas que foram muito importantes para mim. Nós temos uma realidade sensorial complexa, temos a percepção visual como dado adquirido, enquanto que o sentido táctil, que é extremamente importante, não está tão presente, e é algo que se descobre na escultura. A própria descoberta dos materiais e a relação física com o que estamos a criar seduz-me muito. Em relação à arquitetura, eu não gosto de dormir com temas que não resolvi, portanto a questão da arquitetura esteve sempre presente. Depois da escultura seguiu-se o design, depois interiores e por fim fiz o curso de arquitetura, aos 50 anos. Não sabia era que a arquitetura me ia tomar tanto tempo. É uma atividade um bocado canibalesca, tem uma grande complexidade, temos de dialogar com um conjunto de disciplinas sobre um conjunto de matérias, e isso é muito violento. Mas gosto muito do que faço.

Com a “Escultura Habitável” que criou juntou numa só obra duas “paixões”. Como surgiu essa ideia?

A “Escultura Habitável” é a ampliação de uma peça que eu fiz em 1968. Segundo o Dr. António Mega Ferreira, então presidente do Centro Cultural de Belém, que foi quem permitiu colocar a peça no CCB, considerou que esta peça é uma forma que eu transporto comigo desde sempre. É uma escultura de raiz antropomórfica, cujas formas estão implícitas no corpo humano, de acordo com o meu percurso escultórico. A “Escultura Habitável” resultou de uma pretensão minha, e das pessoas que trabalham comigo, de verificar determinadas tensões espaciais. O Delfim Sardo disse que, enquanto à escala da mão, era uma peça manipulável, depois de ampliada, em 2010, passou a penetrável. E é verdade. Eu pretendia saber o que é que se sentia dentro daquela forma, e do lado de fora, e ao entrar e sair dela. Há uma certa fixação ocidental cartesiana em relação ao cubo, em contraponto a uma ideia oriental, mais introspetiva, da esfera, que tem muito a ver comigo. Eu queria experimentar o que se sentia ao estar dentro de uma forma com aquelas características circulares e matéricas, ainda

para mais feita em cortiça, que é um material com um sentido tátil muito interessante. Foi essa curiosidade que nos levou a fazer aquela experiência, que me fez constatar uma série de coisas importantes para o nosso trabalho.

Está também muito ligado ao design. Fale-nos um pouco sobre a recente exposição no MUDE.

Foi um convite que a Dra. Bárbara Coutinho, Diretora do MUDE, me fez. que vem na sequência da “Escultura Habitável” que, por sua vez, me levou à Trienal de Milão em 2012. O Museu tem características muito interessantes. Foi um desafio. Visitantes teve uns cinco mil; a cobertura mediática foi positiva; e a repercussão internacional também, algumas pessoas do estrangeiro vieram ver, o que me valeu um convite para uma exposição em Gent, na Bélgica, em Setembro. Em Maio voltarei a expor em Milão, e já em Janeiro teve lugar uma mostra de design em Basileia, com a Movecho.

Para além da escultura, da arquitetura e do design ainda teve tempo para a carreira académica. Foi também uma componente importante da sua atividade?

Sim, cheguei a Professor Catedrático, fui Presidente da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa durante quatro anos, e encerrei a minha atividade docente porque o atelier precisava que eu estivesse mais presente. Consumia-me também muito tempo e não existia na altura, como hoje, a possibilidade financeira de se compatibilizar a carreira académica com a atividade profissional, o que é uma pena.

Quais são as principais diferenças na sua forma de trabalhar hoje e quando iniciou a profissão?

Quando eu comecei a trabalhar não havia

computadores, logo aí há uma diferença incontornável. Mas depois de se acertar o passo com essa ferramenta, as coisas regressaram a alguma normalidade. Os desafios hoje são mais complexos, as situações são diferentes e nós também temos de nos adaptar, alguns têm mesmo de se reinventar. Não podemos viver hoje como se vivia antigamente porque não se vive da mesma maneira e obviamente não se deve construir da mesma forma. Mas a evolução tem sido positiva e acho que os desafios são cada vez mais complexos, mais exigentes, mas mais interessantes também. Aqui nesta praia ocidental da Europa, temos uma dificuldade acrescida que ainda consiste nalgum isolamento, pelo que é imprescindível relacionarmo-nos internacionalmente.

Como foi trabalhar com a BETAR? E como recebeu a nomeação para o prémio Mies Van der Rohe, em 2010?

No Centro de Congressos do Arade, projeto que fiz com a BETAR, mais concretamente com o eng. José Pedro Venâncio, teve lugar, efetivamente, uma parceria muito proativa e frutuosa no que diz respeito à relação entre a arquitetura e a engenharia. A BETAR tem uma grande experiência como empresa de engenharia mas tem também uma grande experiência de diálogo com a arquitetura, e esta revista é a prova disso. É muito gratificante para os arquitetos trabalhar com a BETAR porque é um parceiro efetivo, não só pela profundidade dos conhecimentos técnicos que tem mas também pela capacidade de compreender todas as problemáticas que envolvem o plano arquitetónico. O Mies Van der Rohe é um prémio muito importante. Fomos mencionados, com a praça D. Diogo Menezes, o que, associado a alguma regularidade da nossa presença em publicações da especialidade no estrangeiro, teve e continua a ter, um forte significado.

As nomeações para os Óscares aconteceram a 16 de Janeiro. Resta-nos agora esperar pelo dia 2 de Março, para saber a quem são atribuídos. Até lá, destacamos dois dos filmes mais votados

Golpada Americana

A história de Melvin Weinberg



American Hustle
De: David O. Russell
Com: Amy Adams, Bradley Cooper, Christian Bale, Jack Huston, Jennifer Lawrence, Jeremy Renner e Robert De Niro
Drama, EUA, 2013

Apanhados pelo agente Richie DiMaso depois de um dos seus múltiplos golpes, Irving e a sua parceira e amante Sydney são forçados a trabalhar para o FBI numa missão que envolve alguns dos mais perigosos criminosos de New Jersey. É assim que se vêem envolvidos nos negócios pouco claros de Carmine Polito, um político entusiasta mas pouco credível que se deixou cair nos meandros da máfia local. Para dificultar esta missão já de si complexa, Irving acaba por descobrir o poder do ressentimento de Rosalyn, a mãe do seu filho. Uma comédia negra que reinventa a verdadeira história de Melvin Weinberg, um vigarista sedutor que ficou célebre nos EUA durante a década de 1970. “Golpada Americana” conta com dez nomeações, entre elas para melhor filme, realizador, atriz, atriz secundária, ator e ator secundário.

O Lobo de Wall Street

A história de Jordan Belfort



The Wolf of Wall Street
De: Martin Scorsese
Com: Cristin Milioti, Jon Favreau, Jonah Hill, Leonardo DiCaprio, Margot Robbie, Matthew McConaughey e Spike Jonze
Biografia, EUA, 2013

Jordan Belfort é um jovem que procura em Nova Iorque a concretização do seu sonho de sucesso. Consegue trabalho numa empresa cotada em bolsa, mas o “crash” da “segunda-feira negra” fá-lo perder o emprego e obrigá-lo a reajustar os planos... Juntamente com um amigo decide abrir a sua própria firma. O alvo? Os investidores de Wall Street. O carismático e persuasivo corretor envereda por todo o tipo de esquemas, legais ou não: dinheiro, droga, ganância, sexo, corrupção e excessos em que se transforma a sua vida. Por mais milhões que acumule, nunca são suficientes. Mas até um predador astuto pode ser apanhado... Baseado na história verídica de Jordan Belfort, um corretor nova-iorquino que, na década de 90, construiu um império milionário à custa de fraudes de investimento e de lavagem de dinheiro.

Devido aos cortes orçamentais no âmbito da cultura os teatros nacionais têm de fazer um esforço extraordinário para ter peças em palco. Ainda assim, a qualidade deverá manter-se



Vénus de vison

Um encenador procura desesperadamente a atriz certa para interpretar Wanda Von Dunayev na peça “Venus in Furs”, baseada no livro homónimo de Leopold Von Sacher-Masoch. No final de um dia de audições, quando parece impossível encontrar alguém à altura do papel, surge uma mulher insinuante e sedutora, que vem atrasada mas ainda quer prestar provas. Será ela diferente de todas as outras? Chama-se Vanda e irá alterar por completo os pesos na balança do poder, levantando a dúvida sobre quem dirige e é dirigido, tal como no livro que inspira a peça. O aclamado texto do norte-americano David Ives (n. 1950), recentemente adaptado ao cinema por Roman Polansky, deu origem a esta peça inquietante, onde nos perguntamos constantemente se o que parece é, e o que acontece quando o desejo ganha vida?

Teatro Aberto

Desde 10 de Janeiro
Encenação: Marta Dias
Interpretação: Ana Guiomar e Pedro Laginha



Tropa-Fandanga

A origem do teatro de revista é atribuída aos princípios do século XVIII e a atores italianos. Os primeiros espetáculos do género consistiam numa revisão burlesca e caricata de acontecimentos e figuras e a sua função era divertir e recordar. É este o modelo seguido em Portugal, a partir dos anos 50 do século XIX. Da Regeneração de 1851 à Revolução de 1974, é possível seguir a par e passo, através de rábulas e canções, a trajetória do país. A “Revista à portuguesa” ganhou contornos próprios e únicos. A sua estrutura será utilizada pelo Teatro Praga para comemorar duas efemérides: os 40 anos do fim da Guerra Colonial e os 100 anos do início da Primeira Guerra Mundial. Um espetáculo histórico que passa a revista às tropas, ao som de música para levantar a moral da pátria presa nas trincheiras.

Teatro Nacional D. Maria II

De 20 de Fevereiro a 16 de Março
Direção artística: Pedro Penim, José Maria Vieira Mendes, André e. Teodósio
Interpretação: José Raposo, André e. Teodósio, Cláudia Jardim, Joana Manuel, Diogo Bento, Joana Barrios, Diogo Lopes, João Duarte Costa



Woe

A palavra inglesa woe significa aflição, angústia, mágoa. Três adolescentes em palco procuram palavras na tentativa de contar uma história e guiam o público através das memórias da sua própria juventude. Progressivamente, imagens de uma infância normal são substituídas por outras que evocam sentimentos de solidão e impotência. Enquanto os atores partilham emoções e memórias de abandono e violência, a atenção vai-se centrando em tentativas de colocar em palavras essas dolorosas experiências. Até que ponto conseguimos abordar e compreender a experiência de uma infância marcada pela violência? “Woe” é um espetáculo íntimo sobre o poder e os limites da empatia e a coragem de olhar profundamente para o interior de cada um. É o regresso de Edit Kaldor, voz singular do teatro contemporâneo.

Teatro Maria Matos

De 27 de Fevereiro a 1 de Março
Encenação: Edit Kaldor
Interpretação: David de Lange, Tirza Gevers e Kobbe Koopman



Ilusão

Este espetáculo baseia-se nos esboços de peças do jovem Federico García Lorca (escritas entre 1919 e 1922). Da presença de duas irmãs, surgem memórias de contos infantis, fantasmas, medos, recordações. Uma atmosfera poética envolta no encanto de uma filosofia dramática e ingénua que está na origem dos grandes textos posteriores do autor. Trata-se de uma experiência nova para o Teatro da Cornucópia: para esta peça, a companhia abre um estágio gratuito a voluntários que tenham interesse em conhecer a experiência de representar, de modo a minimizar o problema da falta de verbas e criar um acontecimento particularmente estimulante não só para os que nele participam, como para a própria companhia, que construirá um espetáculo com pessoas sem preparação técnica mas profundamente motivadas.

Teatro da Cornucópia/Bairro Alto

De 20 de Fevereiro a 9 de Março
Encenação Luis Miguel Cintra
Elenco a designar

Fado, jazz, folk, eletrónica... Porque os gostos são muito diferentes, vários estilos musicais estão em destaque este mês. Escolha o que mais gosta e vá assistir a um concerto



Festival Rescaldo

Dias 21, 22, 27 e 28 de Fevereiro na Culturgest

CONCERTO

A 7ª edição do Festival Rescaldo pretende evidenciar a produção nacional das músicas de vanguarda, nos mundos da improvisação, da eletrónica, do rock e do jazz, de modo a projetar nomes que constituem promessas sólidas da criação nacional contemporânea. Mas este ano, pela primeira vez, há também músicos internacionais, de diferentes origens, o que ajuda à internacionalização da música criativa portuguesa.



Ricardo Ribeiro

Dia 15 de Fevereiro no CCB

CONCERTO

Ricardo Ribeiro estará este mês no CCB para apresentar o seu novo álbum “Largo da Memória”, trabalho onde refere ter seguido a lógica artística que o caracteriza desde o início da carreira. Com uma voz inconfundível, Ricardo Ribeiro, hoje um dos mais importantes fadistas da nova geração, convive com o Fado desde muito novo, tendo como principais referências Fernando Maurício e Amália Rodrigues.



Bill Callahan

Dia 22 de Fevereiro no Cinema São Jorge

CONCERTO

A cena indie norte-americana não passa, desde os anos 90, sem referência ao nome de Bill Callahan, o imprevisível e enigmático cantautor, inicialmente conhecido como Smog. Depois de 15 discos, Bill Callahan volta a surpreender com “Dream River”, que marca o regresso a Lisboa, seis anos depois, daquele que é possivelmente um dos mais misteriosos e geniais escritores de canções norte-americanos.



Reunion Big Jazz Band

Dia 15 de Fevereiro no Centro Cultural Olga Cadaval

CONCERTO

A Reunion Big Jazz Band, um dos mais acarinhados projetos do universo jazzístico para orquestra, destaca-se pela enorme preocupação com a qualidade artística e a produção musical. Johannes Krieger, alemão a viver em Portugal, unanimemente considerado como um justo promotor da música de fusão dos universos europeu, africano e norte-americano, conduz, juntamente com Dan Hewson, esta nova fase do grupo.



Concertos em fevereiro

por António Cabral

A 15 de Fevereiro é reaberto o Grande Auditório da Gulbenkian com um concerto com entrada livre. Este vai ser também um mês importante para a divulgação da música portuguesa: na Gulbenkian Luís de Freitas Branco e Sérgio Azevedo, no Teatro Maria Matos uma ópera de Vasco Mendonça e no CCB a “Missa Grande” de Marcos Portugal.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

6/2 às 21 horas e 7/2 às 19 horas no CCB (Concerto Gulbenkian)

Orquestra Gulbenkian, o maestro Josep Pons e o pianista Javier Perianes, ambos espanhóis, interpretam um Programa Ravel (Concerto de Piano, Alborada del Gracioso, Rapsódia Espanhola e o Bolero) e Manuel de Falla (o concerto Noites nos Jardins de Espanha).

9/2 às 19 horas no CCB (Concerto Gulbenkian)

O grande barítono americano Thomas Hampson, com a Amsterdam Sinfonietta, interpretam Schonberg, Brahms, Barber, Wolf e Schubert.

23/2 às 21.30 horas no CCB

A “Missa Grande” de Marcos Portugal (1762-1830), uma das suas melhores obras de música religiosa. Intérpretes: Orquestra Sinfónica Portuguesa e o Coro do Teatro S.Carlos, direção de Pedro Neves.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Em todo o mês só há bons concertos.

Escolham em www.gulbenkian.pt de acordo com os vossos gostos, têm o Requiem de Fauré, quartetos de Mozart e Janacek, um quinteto de Dvorak, o concerto nº 3 de Rachmaninov, a sinfonia nº 1 de Sibelius, uma cantata de Haendel e a ópera Dido e Eneas de Purcell.

Por ser de música portuguesa destaco o



Luís de Freitas Branco

concerto, com a Orquestra Gulbenkian sob direção de Pedro Neves, a 27/2 às 21 horas e 28/2 às 19 horas no Grande Auditório. De Luís de Freitas Branco (1890-1955) ouviremos A “Sinfonia nº 2” (na minha opinião uma das mais interessantes) e o poema sinfónico “Paraisos Artificiais” (talvez a primeira obra impressionista portuguesa). De Sérgio Azevedo (1968) assistiremos à 1ª audição do “Concerto para Clarinete”.

TEATRO MARIA MATOS

(Concerto Gulbenkian) a 21/2 e 22/2 às 21,30 horas

Estreia em Portugal da ópera “The House Taken Over” de Vasco Mendonça (n.1977) criada no Festival de Aix em Provençe do ano passado. Como intérpretes Asko-Schonberg Ensemble, Kitty Whatley (m.s.), Oliver Dunn (bar.) e Dir. Etienne Siebens.

De Vasco Mendonça já tínhamos ouvido e visto com muito agrado, em 2009, a ópera “Jerusalem”, adaptando o romance de Gonçalo M. Tavares.

P.S. no último mês escrevi que Unsuk Chin (1957) era um homem e chinês quando é de facto uma mulher e coreana (embora viva atualmente na Europa). As minhas desculpas.

LIVROS

2013 terminou com o lançamento de duas obras que nos levam até à Luanda do fim do império colonial português e à revolução iraniana, que procurava o fim do regime ditatorial



Tiago Rebelo *O Último Ano em Luanda*

Em 1974, uma revolução em Lisboa apanha de surpresa os portugueses que vivem em Angola. Em escassos meses, trezentas mil pessoas são obrigadas a largar tudo e a fugir. Para trás deixam casas, carros, animais de estimação. Empresas, fábricas, lojas e fazendas são abandonadas. Luanda, a capital da jóia da coroa do império colonial português, é abalada por uma guerra civil que alastra ao resto do território angolano, com três movimentos de libertação a combaterem entre si. É neste cenário de total desorientação e insegurança que Nuno luta, com a mulher e o filho, para sobreviver à violência, às perseguições políticas, às intrigas e traições. Esta é uma história de coragem e abnegação, que poderia ser a de tantos outros portugueses deixados à sua sorte numa terra a ferro e fogo.

Ken Follett *O Voo das Águias*

"O Voo das Águias" é um thriller soberbo, baseado numa história verídica que se passou no contexto da revolução iraniana liderada por Khomeini para derrubar o regime ditatorial do Xá Reza Pahlevi. Em Dezembro de 1978, dois executivos da sucursal iraniana da EDS são detidos numa prisão de alta-segurança de Teerão. Quando Ross Perot, o fundador e presidente da empresa em Dallas, sabe do que se passa, decide salvar as vidas dos seus dois colaboradores a qualquer custo. Uma missão heróica, extremamente delicada e perigosa, com um desenlace imprevisível. Uma história extraordinária onde a aventura, o suspense e o desespero são absolutamente reais. Ken Follett, o conhecido autor de "Os Pilares da Terra", já vendeu mais de 100 milhões de cópias dos seus trabalhos.

ARTES

A criatividade é uma das melhores características que um artista pode ter. Interpretar foi o que fizeram os protagonistas das mostras que sugerimos este mês

ESPAÇO SHED76

Getting Through: Transformation

De 6 de Fevereiro a 1 de Março

O projeto "Getting Through", inserido na 3ª edição da Trienal de Arquitetura de Lisboa, Close Closer, "sugere de uma reflexão sobre os nossos objetos do quotidiano, a sua influência, experiências e memórias associadas, (...) uma experiência arquitetónica em torno da radicalização da noção de proximidade". Já esteve patente a primeira de duas exposições. Entre arquitetura, design, moda, música, literatura, psicologia e cinema, 20 pessoas foram convidadas a expor um objeto emocionalmente próximo, revelando a sua história. Agora, em "Transformation", um processo criativo de interpretação/transformação desenvolve-se em torno da peça e da sua história. Os 20 objetos expostos na primeira fase serão catalisadores da criação de novas peças, por 15 artistas, designers e arquitetos convidados. Em paralelo com a mostra há conferências: dia 13, falam o arq. Luis Santiago Baptista e a estilista Pedro Noronha Feio.



MUSEU BORDALO PINHEIRO

Zé Dalmeida: Poetas como nós

Até 1 de Março

Esta exposição monográfica apresenta a mais recente obra cerâmica de Zé Dalmeida, propondo-nos o retrato humorístico dos poetas portugueses do século XX. No piso térreo da Galeria do Museu Bordalo Pinheiro, várias dezenas de pequenas esculturas policromas, com os seus adereços de cena, formam um novo "álbum das glórias" poéticas. Premiada artista do cartoon, Zé Dalmeida tem vindo a desenvolver trabalhos em cerâmica onde plasma um constante sentido de humor. Os "seus" poetas denotam a compreensão do retrato físico, aliado ao conhecimento da escrita de cada um e sempre numa perspectiva criativa, suscitando o riso. No início da década de 60, Zé Dalmeida (1943) publicou os seus primeiros desenhos humorísticos e desde então tem vindo a realizar diversas exposições individuais, sobretudo em Lisboa, no âmbito do cartoon e da cerâmica. Uma mostra bem humorada!

Por estes dias, há História em Madrid, Barcelona e Londres. As mostras sobre Cézanne, os 50 anos do Museu Picasso e a pré-história da humanidade têm muito para contar



Museu Thyssen Bornemiza, Madrid

Cézanne

De 4 de Fevereiro a 18 de Maio

Considerado o pai da arte moderna, Paul Cézanne foi uma figura chave da pintura, na segunda metade do século XIX. Esta mostra, a primeira exposição monográfica sobre o artista organizada em Espanha nos últimos trinta anos, explora a relação entre os dois principais géneros que Cézanne pintou: paisagens e naturezas mortas. Nas suas paisagens não há nenhum sinal das estações do ano ou momentos do dia, já nas naturezas-mortas vêem-se as mudanças características da natureza.

Museu Picasso, Barcelona

O Museu Picasso, 50 anos em Barcelona

De 16 de Janeiro a 9 de Março

Em 2014, o Museu Picasso completa 50 anos. Por esta razão, são apresentadas três exposições que documentam a identidade do museu, numa viagem através das obras de Pablo Picasso. Esta é também uma homenagem ao pintor, aos seus professores e a vários artistas cujas obras estiveram expostas no museu. É ainda uma viagem pela história da cidade de Barcelona e da sociedade, que tem como objetivo destacar os esforços do Museu Picasso na exibição de obras influentes e mostrar como as mudanças culturais e sociais se refletem na arte.



Museu de História Natural, Londres

Um milhão de anos da história humana

De 13 de Fevereiro a 28 de Setembro

Esta exposição recua um milhão de anos para mostrar a pré-história da Grã-Bretanha, através de uma impressionante série de achados arqueológicos. Mais de 200 espécimes e objetos, incluindo dois neandertais, permitem que tenhamos um vislumbre do nosso passado. Até dia 23 de Março, está também patente a mostra "Wildlife Photographer of the Year" com as fotografias da vida selvagem que foram premiadas no ano de 2013.

'Janeiro geoso e Fevereiro chuvoso fazem o ano formoso.' As sugestões de M^a João CD para o Porto.

Exposições

CASA DO VINHO VERDE: "Rostos: Estaleiros Navais de Viana do Castelo" pelo fotógrafo Egídio Santos (até 19). **GALERIA METAMORFOSE**: Heitor Chichorro (até 23). **BIBLIOTECA M. A. GARRETT**: "Habitar(s)" sab. 22 às 16h visita guiada por João Silvério e às 17h Performance. **GALERIA SERPENTE**: "Luís Miguel Castro-Reminder, aquele que lembra" (até 28). **GALERIA JOÃO PEDRO RODRIGUES**: "Encontros Prováveis?", coletiva de Pintura e Escultura (até 15). **GALERIA DA FUNDAÇÃO EDP**: "10^a Edição Prémio Novos Artistas Fundação EDP 2013" (até 23 mar). **GALERIA DAMA AFLITA**: "Os Bestiais", de André da Loba (até 1 mar). **SERRALVES** (museu): "Artistas Brasileiros e Poesia Concreta" (até 4 mar). **EDIFÍCIO DA ALFÂNDEGA**: "Magic Art", 2000m² de pinturas em 3D com quadros de grande dimensão em que o público é convidado a interagir (até 30 mar).

Teatro

T. SÁ DA BANDEIRA: "Tarzan - O Musical" (até 28). **T. CARLOS ALBERTO**: "Como Queiram" de Shakespeare (14 a 23) **T. N. S. JOÃO**: "Coriolano" de Shakespeare (6 a 16). **RIVOLI**: "Gisberta" com Rita Ribeiro (até 16).

E ainda

PAVILHÃO ROSA MOTA: "XX Festa do Livro em saldo" (até 9) PÇ **CARLOS ALBERTO**: Mercado Porto Belo (15 e 22). **CENTRO COMERCIAL BOMBARDA**: Berdinho - Mercado Rural (15)

Música

HOT FIVE JAZZ & BLUES CLUB: Festival de Blues do Porto (1 fev a 22 de mar). **COLISEU**: Lago dos Cisnes de Tchaikovsky (16) "Rock The Ballet" com BadBoys of Dance (26). **CASA DA MÚSICA**: CINE-CONCERTOS: "MARLENE DIETRICH!" Remix Ensemble + The Woman One Longs for, filme de C. Bernhardt (1929); "A NOVA BABILÓNIA", OSP + A Nova Babilónia, filme de G. Kozintsev e L. Trauberg; "QUAD QUARTET", quarteto de saxofones, jazz. "LUKAS VONDRACEK PIANO" pianista checo; "IMAGENS", OSP. "MARCIA" (14); "LUÍSA SOBRAL" (22); DUO.PT S. Pacheco trompete + N. Simões percussão; BEZEGOL & RUDE BWOY BANDA (27); "CARNAVAL EXÓTICO", OSP (2 mar); "ORQUESTRA JUVENIL GERAÇÃO" (4 mar).

À descoberta

Livraria da Baixa, R. das Carmelitas 15. A Livraria Fernando Machado, fundada em 1922 e dedicada inicialmente a livros de Direito, apresenta agora um conceito onde a literatura convive par-a-par com chás, vinhos, petiscos ou música e onde também alguns livros, muitos deles usados, podem ser levados em troca de outros. Do passado, resta a fachada, com as montras e porta emolduradas a madeira escura trabalhada, onde ainda se lê "Fernando Machado, livros, nacionais, estrangeiros, cada qual no seu encaixe". Nos 2 pisos do edifício, muito degradado antes desta intervenção, mantêm-se as prateleiras e os espelhos. Funciona das 10h às 2h. Aos fins-de-semana há "DJ" e às 4^{af} (17h) debates literário.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM O ARQ. MIGUEL ARRUDA
CENTRO DE CONGRESSOS DO ARADE